

A ORTOGRAFIA NA ANTIGA GRAMATICOGRAFIA PORTUGUESA. AS GRAMÁTICAS DO SÉCULO XIX

Maria Filomena Gonçalves
Universidade de Évora

1. Nesta comunicação trataremos do enquadramento da ortografia nas gramáticas portuguesas do século XIX. Para isso, seleccionámos e confrontámos cinquenta e três gramáticas publicadas entre 1804 e 1897. Porém, antes de analisarmos os dados fornecidos pelas gramáticas, julgamos conveniente e interessante apontar, em primeiro lugar, os critérios que assistiram à selecção dos textos, e, em segundo lugar, tecer algumas considerações sobre o estatuto da historiografia linguística. Com respeito ao primeiro ponto, a selecção dos textos foi feita com base em três critérios alternativos; por isso não necessariamente cumulativos. São eles: 1. textos que apresentassem uma definição de ortografia; 2. textos que estivessem divididos em partes; 3. textos que apresentassem uma definição de gramática. Apertando o crivo selectivo, poderíamos ter optado por reter apenas dois daqueles critérios, por ex. o da definição de gramática e o da divisão em partes, mas isso traduzir-se-ia na redução do nosso campo de análise. O estabelecimento de critérios coloca-nos, portanto, em pleno terreno de reflexão sobre a exaustividade, um dos problemas fundamentais da investigação na área da historiografia linguística (Desesalle, 1986: 7-23). A este propósito, é de notar que a tarefa fundamental do investigador é o levantamento do maior número possível de obras; contudo, quanto mais os inventários aumentam, mais a exaustividade é illusória (Desesalle, 1986: 13), dificuldade que só pode ser contornada ao isolarmos certos domínios, isto é, ao operarmos por “recortes” (cronológi-

cos, temáticos, de micro-sistemas, etc) . No nosso caso, o período aqui considerado (1804-1897) fica justificado pelo facto de a apreensão do funcionamento do sistema dever ser encarada num largo espaço de tempo por forma a que se possa captar uma mudança que não se reduza tão só aos aspectos parciais (Delesalle, 1986: 16-17).

De seguida, trataremos de reflectir sobre a natureza e o estatuto da historiografia linguística. Os estudos de historiografia linguística têm conhecido um crescente vigor desde a década de setenta. No seu âmbito, e no caso português, a história da gramática portuguesa tem merecido alguma atenção por parte dos investigadores portugueses, mas continuamos a dispor de reduzida bibliografia sobre a matéria. Épocas há sobre as quais a atenção dos investigadores se tem centrado preferentemente – como a das gramáticas renascentistas e a da primeira metade do século XIX – , marcada a primeira pelas figuras de Fernão de Oliveira e João de Barros, e a segunda pela de Jerónimo Soares Barbosa. Aqui e além, são de assinalar estudos ou referências a outros autores¹, sendo poucos os estudos quer monográficos quer temáticos sobre a maior parte dos gramáticos e épocas, embora muito se tenha avançado no que ao recenseamento dos textos se refere, graças particularmente ao contributo inestimável de Simão Cardoso, com a publicação, em 1994, de uma *Historiografia Gramatical (1500-1920)*.

Confrontámo-nos recentemente com essa ausência de bibliografia quando tivemos de elaborar um corpus representativo da tradição gramatical portuguesa e respectiva bibliografia, com vista à sua integração numa *Encyclopédie des Sciences du Langage*, a publicar proximamente em França, e na qual serão recolhidas as tradições das principais línguas do mundo: o panorama é desolador, especialmente no referente à época posterior a Jerónimo Soares Barbosa. É claro que sempre se pode avançar com os argumentos, de infalibilidade sobejamente duvidosa, de que a nossa tradição é mais pobre, isto é, menos reflexiva e original do que a francesa ou a espanhola, por exemplo, tendo evoluído a reboque de concepções e movimentos emprestados. Se a produção portuguesa relativa a este domínio é reduzida, quando comparada com a de outros países e outras línguas, não é menos verdade que o interesse pela gramaticografia portuguesa parece estar a crescer entre os investigadores estrangeiros. Entre outros, vejam-se por ex. os trabalhos de Barbara Schäfer² e de Dieter Woll³ em publicações de grande circulação internacional.

Para encerrar estas considerações, resta-nos ainda definir o estatuto da “história das ideias gramaticais”. A nossa reflexão sobre a natureza e o valor daquilo a que chamamos “ideias gramaticais”, quer dizer um quadro reflexivo e metalinguístico de carácter essencialmente normativo, leva-nos a aceitar a sua inscrição num quadro mais vasto, que é o das “ideias linguísticas” em geral. Assume-se como ideia linguística (Auroux, 1989: 16) todo o saber construído em torno de uma língua num dado momento, quer como resultado de uma reflexão verdadeiramente metalinguística, isto é, representada e manipulada graças a uma metalinguagem, quer ainda como fruto de uma actividade metalinguística não explícita (Auroux, 1989: 18, 35). Assim, a noção de “ideia linguística” recobre não só qualquer saber fundado na ciência linguística, a partir portanto do século XIX (em Portugal a partir de 1868 com Adolfo Coelho), como também todos os outros saberes anteriormente transmitidos como produto histórico (Auroux, *Ibid.*). Este é o caso da história das antigas gramáticas portuguesas. Desta maneira, enquanto conjunto de reflexões e de metalinguagens aplicadas à língua portuguesa, toda a tradição gramatical constitui uma parte das “ideias linguísticas” em Portugal.

2. Fechado o preâmbulo, passemos agora às antigas gramáticas portuguesas. Mais do que uma análise dos sistemas ortográficos perfilhados ou praticados pelos gramáticos, como se poderia depreender do título deste trabalho, o nosso propósito era reflectir sobre o estatuto da ortografia no âmbito da gramática portuguesa do século XIX. Para isso, compulsámos cinquenta e três gramáticas publicadas entre 1804 e 1897⁴. Sendo a ortografia uma das partes da gramática, observaremos a evolução do seu estatuto e a sua relação com as restantes partes. Partimos do pressuposto de que a colocação do capítulo da ortografia em determinado lugar da arquitectura gramatical não é arbitrária, mas, ao invés disso, pertinente para a determinação do estatuto da ortografia, para assim podermos depreender qual a relação entre a evolução da estrutura da gramática e aquele estatuto.

Originária e etimologicamente a gramática é a “ciência das letras” (do grego “gramma” letra), pelo que a relação entre ela e a ortografia é intrínseca. A ortografia passou depois a constituir uma das partes da gramática: num conjunto de normas mais vasto, cabia-lhe a regulação da escrita. Com respeito ao português, a preocupação com a

normativização gráfica remonta, como é sabido, ao século XVI, com a Gramática de Fernão de Oliveira, que se ocupa preferentemente dos sons (a fonética) e da sua transcrição. A importância então conferida à ortografia tem que ver com a necessidade de promoção e fixação da língua vernácula, situação que se alarga ainda ao século XVII. No século XIX a situação é completamente distinta, pois já existia uma tradição gráfica de séculos; não obstante a ortografia continuar a ser uma das “ideias linguísticas” predominantes, vai ser alterada a sua situação como parte integrante da gramática. Começamos por salientar que, de 1804 a 1897, a definição de gramática compreende quase invariavelmente a referência à língua escrita, a única que, de resto, era objecto da gramática. Assim, esta é definida como a “arte de falar e escrever correctamente” (1819, 1822, 1853, 1861b, 1877), “arte que ensina a falar e escrever sem erros” (1826, 1828, 1841b), “ciência da palavra pronunciada ou escrita” (1839), “ciência das letras, que nos ensina a representar, juízo ou pensamento recto, (...) por palavras pronunciadas ou escriptas” (1841a), a “disciplina que ensina a exprimir correctamente os nossos pensamentos fallando ou escrevendo” (1861a), “tratado das leis que observamos quando se fala ou escreve a lingua portugueza” (1876), “trata da linguagem falada ou escrita” (1887c). As definições em que não é mencionada a escrita são, por exemplo: “ciência que trata dos elementos das linguas” (1844b, 1887b), “disciplina que trata dos elementos das linguas” (1869), “ciência ou conhecimento das palavras, isto he, dos elementos das linguas” (1860), “arte de analysar, e enunciar o pensamento” (1844b), “arte que ensina a declarar bem os nossos pensamentos por meio de palavras” (1847), “disciplina que tracta dos principios geraes da linguagem considerada como expressão verbal do pensamento” (1880b), “ciência da palavra” (1844b), “exposição metódica dos factos da linguagem” (1885), “ciência que se ocupa dos principios e elementos das linguas” (1887d), “tratado/conjunto das leis que se observam numa língua” (1889, 1894).

De 1804 a 1838, a gramática é predominantemente definida como uma “arte”, na continuidade de definição tradicional oriunda do modelo latino. A partir de 1851, as definições diversificam-se: para além de “arte”, surgem agora os termos “ciência” e “disciplina”. Entre 1839 e 1844, apenas aparecem “arte” e “ciência”. Estas definições de gramática encontram-se sintetizadas num quadro em que apenas figuram os termos genéricos da definição (“arte”, “ciência”, “disciplina”,

“tratado de leis” e “exposição metódica”). Com base no quadro 1, observamos que a partir de 1867, só em dois casos (1877, 1884a) encontramos o termo “arte”, predominando as definições em que ocorrem os termos ou expressões “ciência”, “disciplina”, “tratado de leis” e “exposição metódica”, epistemologicamente reveladores. De seguida, tentámos verificar se existe qualquer relação entre estas terminologias e a definição de ortografia. Para isso, elaborámos o quadro 2, que, à semelhança do anterior, reúne os termos genéricos da definição de ortografia, cujas informações deverão ser cruzadas com os dados referentes à definição da gramática. Quanto à definição de ortografia, verificámos que a partir de 1827 deixa de aparecer o termo “arte” (arte de escrever correctamente, etc.) e que, depois daquela data até 1857, se registam as expressões “ensino de...” (ou “ensina a”) e “parte da gramática”, esta última com cinco ocorrências, mais uma do que a primeira. A partir de 1861, o leque de expressões alarga-se, excluindo sempre o termo “arte”. Passamos assim a registar, para além das anteriores, as seguintes expressões: “tratado de” (trata de...) e “parte da Fonologia”. Com a década de setenta (1876), observa-se que a ortografia perde autonomia, ao figurar incluída no capítulo da Fonologia quer como uma das suas secções quer como um suplemento ou apêndice à exposição sobre aquela matéria. Esta tendência estende-se até à década seguinte (1881, 1887, 1897). Por último, analisaremos os modelos de estruturação interna da gramática, ou seja, a organização das chamadas partes da gramática. Em síntese, mais uma vez com o objectivo de identificar os sistemas predominantes e a sua expansão cronológica, reunimos no quadro 3 os principais sistemas de partes da gramática. Os mais representados são: 1. etimologia, sintaxe, prosódia e ortografia; 2. fonologia, morfologia e sintaxe. Para além destes, existem outros modelos, de quatro, três e duas partes, que constituem variantes dos anteriores, mais ou menos divergentes, e nos quais a ortografia é colocada ou no fim, a seguir às outras partes, ou entre duas delas, sendo que apenas em um caso ela encabeça a lista das divisões da gramática, como se pode observar no quinto sistema. Daqui podemos desde logo inferir que a ortografia, ao requerer noções ou conhecimentos de outras partes da gramática, não poderia ser tratada antes daquelas ou pelo menos antes de alguma(s) dela(s). Assim, as matérias que mais vezes precedem a ortografia, quando esta não encerra a gramática, são a etimologia (2 vezes: 3.1., 3.2.) e a prosódia

ou ortoépia (3 vezes: modelos 4., 4.1., 4.2.); apenas em um caso a ortografia é tratada imediatamente antes da sintaxe. A representação decorrente destes dados é a de que as matérias fonológica e morfológica estão contempladas na constituição e fixação de um modelo gráfico de carácter misto, visto que incorpora elementos que estabelecem relações com diferentes níveis: com o plano prósodico e/ou fonológico (como é o caso da marcação do acento tónico; a transcrição das vogais átonas) e com o plano gramatical (de que é exemplo a distinção de entre substantivos e verbos homógrafos, etc.). Se tentarmos cruzar, como referíamos anteriormente, os dados apresentados nos quadros, poderemos fazer observações de duas ordens: por um lado, verificamos que não obstante as flutuações existe uma coerência ideológica entre os dados dos diversos quadros, na medida em que eles permitem traçar um meridiano ou um corte entre duas épocas distintas da gramática do século XIX, quer no plano das terminologias, quer no das concepções que elas evidenciam. Na introdução referíamos-nos também ao problema da exaustividade. Mas eis que, neste momento da análise, ao historiador se apresenta mais uma dificuldade – a questão da causalidade da mudança (Delesalle, 1986: 15), isto é, como explicar a mudança conceptual e terminológica, ultrapassando a mera constatação das substituições taxonómicas. Esta problemática prende-se com factores quer de natureza interna quer de natureza externa: por um lado, pode remeter para a interpretação dos dados em si, e, por outro lado, pode recorrer à relação com elementos ou agentes implicados directa ou indirectamente na realização da gramática, de que é exemplo a relação das instituições de ensino com as teorias que lhe definiram o método. No caso presente, ficámos-nos pela interpretação interna e, sublinhe-se, parcial, dos dados, sem qualquer inserção na problemática externa. Em relação ao assunto que aqui nos ocupou, o factor que determinou a mudança formal e conceptual da gramática foi a introdução do método científico, atribuída a Adolfo Coelho, em “A Lingua Portuguesa” (1868), obra na qual se consubstanciam os princípios do novo método, que irá alastrar sobretudo a partir da década de setenta, marcando-se assim a ruptura com os contornos tradicionais da gramática. Usando os termos que frequentemente encontramos nas histórias da linguística, a mudança operada na década de setenta, já em plena “degenerescência” da gramática filosófica e de inspiração ideológica, vai atingir a fase da “expansão” na década seguinte⁵.

3. Fazendo um balanço das observações anteriores, parece evidente que não basta inventariar os textos da tradição gramatical portuguesa e deles partirmos para conclusões apriorísticas. No caso, da ortografia como parte da estrutura das antigas gramáticas parece ter ficado claro que o seu estatuto foi alterado, no sentido de uma perda de autonomia; acrescente-se também que isso se reflecte até na menor extensão do seu tratamento, isto é, no reduzido espaço que a ortografia ocupa na gramática, inclusivamente pela dimensão dos caracteres em que é apresentada a matéria. No entanto, para além da mudança de método, resta saber quais os factores externos que poderão ter condicionado aquele estatuto. Entre muitos outros, são particularmente interessantes os seguintes: o grau de ensino a que se destinava a gramática, a instituição que a promovia ou à qual estava vinculado o seu autor, ou, ainda, o programa de ensino em que a gramática se inseria, bem como as relações desta com disciplinas afins. Como afirmávamos na introdução a estas notas, o nosso propósito era apenas o de tentarmos uma primeira abordagem da problemática metodológica em que assenta a historiografia linguística com base em alguns exemplos da história da gramática portuguesa. Na verdade, o que pretendíamos era lançar a terreiro algumas pistas para discussão e – quem sabe – para futuros projectos na área da historiografia do português.

Quadro 1
Definição de gramática

	ARTE	CIÊNCIA	DISCIPLINA	TRATADO/conjunto DE LEIS	EXPOSIÇÃO METÓDICA
1804	+				
1806	+				
1819	+				
1820a	+				
1820b	+				
1822	+				
1826	+				
1828	+				
1839		+			
1841a		+			
1841b	+				
1842b	+				

	ARTE	CIÊNCIA	DISCIPLINA	TRATADO/conjunto DE LEIS	EXPOSIÇÃO METÓDICA
1844a	+				
1844b		+			
1847	+				
1851			+		
1853	+				
1860		+			
1861a			+		
1861b	+				
1864b	+				
1867			+		
1869			+		
1876				+	
1877	+				
1880			+		
1881				+	
1884a	+			+	
1884b		+			
1885					+
1887b			+		
1887d		+			
1889				+	
1894				+	

Quadro 2
Definição de ortografia

	ARTE REPRESENTA	ENSINAR/ ENSINO DE	PARTE DA GRAMÁTICA	TRATADO/ TRATA DE...	PARTE DA FONOLOGIA
1804	+				
1806		+			
1816	+				
1817			+		
1819	+				
1820b	+				
1822		+			
1826		+			
1827	+				
1828		+			

	ARTE REPRESENTA	ENSINAR/ ENSINO DE	PARTE DA GRAMÁTICA	TRATADO/ TRATA DE...	PARTE DA FONOLOGIA
1838			+		
1842a		+			
1842b			+		
1844a			+		
1851a		+			
1851b			+		
1851c		+			
1853		+			
1854			+		
1857			+		
1861a		+			
1861b			+		
1864a			+		
1864b		+			
1865			+		
1866			+		
1867			+		
1869			+		
1876					+
1877			+		
1880			+		
1881					+
1882		+			
1883			+		
1884a			+		
1885				+	
1887a		+			
1887b			+		
1887c			+		
1887d					+
1892			+		
1894			+		
1897					+

Quadro 3
Estrutura das gramáticas do século XIX

PARTES DA GRAMÁTICA	DATAS
1-ETIMOLOGIA, SINTAXE, PROSÓDIA (Ortoépia), ORTOGRAFIA	15 1817, 1826, 1838, 1844a, 1844b, 1847, 1851, 1853, 1860, 1861a, 1867, 1869, 1877, 1880b, 1884a
1.1-ETIMOLOGIA, SINTAXE, ORTOGRAFIA, PROSÓDIA	2 1828, 1861b
2-ETIMOLOGIA, PROSÓDIA, SINTAXE ORTOGRAFIA	3 1819, 1827, 1864b
3-ORTOGRAFIA, ETIMOLOGIA, SINTAXE, PROSÓDIA	1 1820a
3.1-ETIMOLOGIA, ORTOGRAFIA, PROSÓDIA, SINTAXE	1 1841a
3.2-ETIMOLOGIA, ORTOGRAFIA, SINTAXE, PROSÓDIA	1 1864a
4.ORTOÉPIA / PROSÓDIA, ORTOGRAFIA, SINTAXE, ETIMOLOGIA	3 1822, 1841b, 1842b
4.1-ORTOLOGIA, ORTOGRAFIA, ETIMOLOGIA, SINTAXE	1 1804
5-ORTOLOGIA (Lexicologia e Sintaxe) E ORTOGRAFIA	1 1839
6-FONOLOGIA (ortografia) MORFOLOGIA, SINTAXE	8 1876, 1880, 1884b, 1887a, 1887d, 1889, 1894, 1897
6.1-FONOLOGIA, MORFOLOGIA (Etimologia e Ortografia), SINTAXE	1 1887b
6.2-FONOLOGIA, ORTOGRAFIA, MORFOLOGIA, SINTAXE	1 1887c
7-LEXEOLOGIA (Fonologia, Morfologia), SINTAXE	1 1885

Bibliografia cronológica:

- 1804** – Manuel Dias de Sousa, Grammatica Portugueza. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- 1806** – António de Moraes Silva, Epitome da Grammatica Portugueza. Lisboa, Off. Simão Thaddeo Ferreira.
- 1816** – António José Baptista, Compendio de Grammatica e Orthographia Portugueza. Lisboa, Nova Impressão Neves, c Filho.

- 1818 – João Crisóstomo do Couto e Melo, *Gramática Filosófica*. Lisboa, Impressão Régia.
- 1819 – Francisco Soares Ferreira, *Elementos de Grammatica Portugueza*. Lisboa, Impressão Régia.
- 1820a – Sebastião José Guedes Albuquerque, *Grammatica Portugueza*. Lisboa, Impressão Regia.
- 1820b – Manuel Borges Carneiro, *Grammatica, Orthographia, e Arithmetica, ou arte de fallar, escrever, e contar*. Lisboa, Imprensão Regia.
- 1822 – Jerónimo Soares Barbosa, *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. Lisboa, *Typographia da Real Academia das Ciências*.
- 1826 – Anónimo, *Grammatica Portugueza*. Lisboa, Impressão Imperial e Real.
- 1827 – Jaulino Lopes Arneiro, *Grammatica Portugueza*. Lisboa, Typ. de Desiderio Marques Leão.
- 1828 – José Luís Coelho Monteiro, *Compendio Grammatical da Lingua portugueza*. Lisboa, Impressão Regia.
- 1838 – João Joaquim Casimiro, *Methodo Grammatical resumido da Lingua Portugueza*. Lisboa, Typ. Rollandiana.
- 1839 – António Camilo Xavier de Quadros, *Grammatica Philosophica*. Lisboa, Typ. Carvalhense.
- 1841a – João Nunes de Andrade, *Grammatica Elementar da Lingua Portugueza por systema philosophico*. Lisboa, typ. de A. S. Coelho.
- 1841b – (Anónimo), *Regras da Grammatica Portugueza segundo os principios da Grammatica Universal de Mr. Court de Gebelin e Mr. l'Abbé de Sicard*. Lisboa, Typ. de Antonio Rebello.
- 1842a – José da Mota Pessoa de Amorim, *Compendio de Grammatica Portugueza (...)*. Lisboa, Typ. de G. M. Martins.
- 1842b – Luiz Francisco Midosi, *Compendio de Grammatica Portugueza*. Lisboa, imprensa Nacional.
- 1844a – Francisco de Andrade Júnior, *Principios de Grammatica Portugueza*. Funchal, Typ. Nacional.
- 1844b – Carlos Augusto de Figueiredo Vieira, *Compendio Elementar da Grammatica Portugueza*, 2ª ed. Porto, Typ. Portuense.
- 1847 – António Álvares Pereira Coruja, *Compendio de Grammatica da Lingua Nacional (...)*, 5ª ed. Rio de Janeiro, Typ. Franceza.
- 1849 – D. F. P. (Daniel Ferreira Pestana), *Principios de Grammatica Geral applicados á Lingua Portugueza*. Nova-Goa, Imprensa Nacional.
- 1851a – C.D.M., *Epitome de Grammatica Portugueza*. Porto, Typ. de Sebastião José Pereira.
- 1851b – António Pereira Forjaz de Sampaio, *Grammatica da Infancia ou Introducção ao estudo da Grammatica Geral, e especialmente Portugueza*. Coimbra, Imprensa da Universidade.

- 1851c – Policarpo Wake, *Compendio de Grammatica Portugueza* (...). Lisboa, Imprensa Francisco Xavier de Sousa.
- 1853 – Herculano Maria dos Reis Tavares, *Grammatica da Lingua Portugueza* (...). Lisboa, imprensa Nacional.
- 1854 – António José Dias, *Novissima Grammatica da Lingua Portugueza* (...). Lisboa, Imprensa Hermenegildo Pires Marinho.
- 1857 – João Teixeira de Vasconcelos, *Curso de Grammatica Portugueza e Latina e de Latinidade* (...). Porto, Typ. Commercial.
- 1860 – Domingos Lourenço, *Grammatica da Lingua Portugueza* (...). Margão, Typ. do Ultramar.
- 1861a – João Crisóstomo Valejo Espada, *Grammatica Portugueza* (...). Lisboa, Typ. de L. C. da Cunha.
- 1861b – Vergueiro e Pertence, *Compendio da Grammatica Portugueza* (...). Lisboa, Imprensa Nacional.
- 1864a – Francisco Caldas Aulete, *Grammatica Nacional*. Lisboa, Typ. Franco-Portugueza.
- 1864b – Lourenço Geraldes de Vasconcelos, *Compendio de Grammatica Logica* (...). Porto, Typ. Commercial.
- 1865 – Anónimo, *Compendio de Grammatica portugueza collegido e ordenado para uso dos Alumnos do Seminario de Macau*. Macau, Typ. do Seminario.
- 1866 – *Grammatica da Eschola Primaria, especialmente coordenada para os alunos do Collegio de Lamego*. Porto: Typ. do Commercio.
- 1867 – Joaquim Freire de Macedo, *Compendio de Grammatica Portugueza*, 3ª ed. Lisboa, Typ. Franco-Portugueza.
- 1869 – Francisco Mendes Pinheiro, *Grammatica Elementar da Lingua Portugueza*. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- 1876 – Augusto Epifânio da Silva Dias, *Grammatica Practica da Lingua Portuguesa*. Porto, Tip. Jornal do Porto.
- 1877 – Abílio César Borges, *Resumo da Grammatica Portugueza* (...), 6ª ed. Bruxellas, Typ. e Lithographia E. Guyot.
- 1880 – Bento José de Oliveira, *Nova Grammatica Portugueza* (...). Coimbra, Livraria de J. Augusto Orcei.
- 1881 – Domingos de Azevedo, *Grammatica Nacional* (...), 2ª ed. Lisboa.
- 1882 – Jacob Bensabath, *Grammatica das Escólas Primarias. Curso theorico-pratico da Lingua Portugueza*. Porto, Livraria Portuense.
- 1883 – José Gonçalves Lage, *Novissima Grammatica Portugueza* (...). Coimbra, Livraria Portugueza e Estrangeira.
- 1884a – António Maria de Almeida Neto, *Escholiaste Portuguez*. Lisboa, Typ. Universal.

- 1884b – João da Nóbrega Soares, Grammatica da Lingua portugueza. Lisboa, Typ. da Viúva Sousa Neves.
- 1885 – Júlio Ribeiro, Grammatica Portugueza, 2ª ed. S. Paulo, Teixeira & Irmão.
- 1887a – Manuel Francisco Medeiros Botelho, Grammatica Portugueza Elementar. Lisboa, Imprensa Nacional.
- 1887b – J. S. de Figueiredo e Castro, Elementos de Grammatica portugueza (...). Porto, António de Freitas Sucena.
- 1887c – Manuel Olímpio Rodrigues da Costa, Grammatica Portugueza, 2ª ed. Rio de Janeiro, typ. da Escola.
- 1887d – Francisco José Monteiro Leite, Grammatica Portugueza dos Lyceus. Porto, Livraria Civilização.
- 1889 – C. Claudino Dias, Rudimentos de Grammatica Portugueza (...). Lisboa, A. Ferreira Machado & Cª.
- 1892 – Augusto Pereira de Moura, Elementos de Grammatica Portugueza (...), 2ªed. Coimbra, Livraria Central de J. Diogo Pires.
- 1894 – Luís Bernardino Pacheco, Grammatica Elementar e Pratica da Lingua Portugueza (...). Lisboa, Typ. Universal.
- 1897 – José da Silva Cabanita, Lições Praticas de Portuguez (...). Lisboa, Imprensa Nacional.

Notas

¹ Desta década, vejam-se os seguintes artigos: Maria Filomena Gonçalves, Aspectos da antiga gramaticografia portuguesa: a "Gramática Filosófica" de João Crisóstomo do Couto e Melo (1818), *Actas do 4º Congresso Internacional da Associação da Língua Galego-Portuguesa*, Vigo, Outubro/novembro de 1993; id. O "artigo e as Lusitanistas" (Hamburg 6-11 Setembro 1993, Lisboa, Lidel, 1995, 117-129; Amadeu Torres, A "Gramática Philosophica" de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, *Revista Portuguesa de Filosofia*, Tomo LI/3, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 1994, 459-466; id. Ainda a "Gramática Philosophica" de Bernardo de Lima e Melo Bacelar, *Homenagem a Lúcio Craveiro da Silva*, Braga, 1994, 51-59.

² C f. Contribution à la grammaire idéologique au Portugal. *Methodologische und historiographische Beiträge zum Umkreis der "idéologie"*, Band 2, Münster: Nodus Publikationen, 1991, 101-117; Die Beschreibung des Artikels in den Alten Portugieschen Grammatiken, *Ibero-Romania*, n° 37, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1993, 51-69; La description de l'article dans les anciennes grammaires portugaises, *Actas do 3º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, 1993, 717-731; "A escola sensualista passou de moda": Die franzsischen Idologen bei Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo, *Europäische Sprachwissenschaft um 1800. Methodologische und historiographische Beiträge zum Umkreis der "idéologie"*, Band 4, Mnster: Nodus Publikationen, 1994, 209-221.

- ³ Cf. *Grammatikographie, Lexikon der Romanistischen Linguistik, Band I* vol. VI, 2, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1994, 649-672.
- ⁴ A referência às gramáticas será feita pela data de publicação, de preferência a da primeira edição, embora nem sempre assim aconteça. À data será acrescentada uma letra, sempre que existam duas ou mais gramáticas publicadas no mesmo ano, para facilitar a identificação das obras na bibliografia cronológica em anexo.
- ⁵ Como muitos outros tão frequentes na história da linguística, estes termos, apesar de conotados epistemologicamente pelas referências biológicas e naturalistas, têm sido recuperados pelas recentes teorias do “corte epistemológico”.